

# Educação Boe Bororo

Lauro Lopes Leandro Pariko Ekureu<sup>1</sup>

DOI: <http://dx.doi.org/10.20435/tellus.v18i37.549>

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo resgata, através de fontes bibliográficas, modos de se efetivarem as práticas de ensinar tradicionais, à luz da organização social Boe Remawuge<sup>2</sup>. Buscar-se-á cruzar os conhecimentos de saberes do povo Bororo de Meruri com conhecimentos que são considerados científicos. O conhecimento dos saberes bororos tem pilares paralelos com pensadores como Suchodolski e Dewey. Os seres estão em pleno processo de aprendizagem. Mesmo não sendo em ambiente “escolar”, a educação é ampla.

Esta pesquisa apresenta práticas pedagógicas tradicionais do povo Bororo de Meruri, num intuito de sanar uma demanda crucial, que é a de inserir na escola elementos do sistema educativo conforme era desenvolvido antigamente. Também esta pesquisa se apresenta como forma de acesso a essas práticas, a fim de que o atual quadro de docentes possa sobre esta se debruçar e colocar, na sua práxis pedagógica, mecanismos às vezes desconhecidos, porém descobertos após esta pesquisa. Assim, tem-se a possibilidade de tais mecanismos serem efetivados com êxito na atual educação escolar bororo, uma vez que há risco de o professor ficar em uma situação em que não se sabe a origem de onde partir o ensinamento escolar, devido à falta de material identitário. As formas de ensino bororo, apesar de serem reconhecidas pela academia, contudo, por diferentes motivos, não tem estado presente na práxis da escola.

O autor vem trazer algumas ações de ensinar, a fim de que não deixe nada para trás e vire um referencial para a atual realidade educacional que passamos,

---

<sup>1</sup> Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus (Meruri), General Carneiro, Mato Grosso, Brasil.

<sup>2</sup> Boe Remawuge é uma expressão em língua bororo, surgida no contexto da Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena (etapa local Meruri, em 2016), criada por anciãos e professores indígenas bororos, e que significa “Pessoas Originais”, isto é, a autodenominação dos Bororo perante outros povos.

ensinar em uma sociedade bororo que tem acesso a todos os meios que a sociedade não indígena possui, inclusive a tecnologia, porém a voracidade tende a deixar tudo mais prático, ou ainda, encurtar todas as ações, diferentemente de antigamente, quando decisões eram tomadas após extensa reflexão.

Este autor crê que as descobertas encontradas farão o professor rever a atuação do seu fazer saber, pois os processos de formação do sujeito tendem a se efetuar a partir da organização social. O sistema educacional de ensino, porém, desconhece esse processo de desenvolver a aprendizagem a partir de uma organização social particular, como a dos Bororo de Meruri. O ensinar no dia a dia é algo que deve ser efetuado conforme a organização clânica Bororo. O desconhecimento dos métodos de ensinar de uma sociedade diferente dos padrões não indígenas oferece alto risco, pois pode-se deixar passar despercebidas ações que vão gerar efeitos positivos na sociedade indígena Bororo de Meruri.

## **2 ELEMENTOS DA CULTURA BOE-BORORO E EDUCAÇÃO**

A etnia Bororo, não considera o seu nome oficial como sendo bororo, pelo fato de que, quando tinha contato com os desconhecidos, sempre falava frequentemente o termo bororo, referindo-se ao pátio central que fica ao lado do Bai Mana Gejewu<sup>3</sup>, local no qual são recepcionados os desconhecidos. Por conta desse uso comum do termo bororo, o não indígena intitulou a etnia de bororo, contudo não é aceita por esta, e sim Boe Remawuge.

A organização social Boe Remawuge se dá pela justaposição de dois clãs denominados de Ecerae<sup>4</sup> e Tugarege<sup>5</sup>. Cada clã possui ainda quatro sub clãs, sendo eles distribuídos da seguinte forma: Paiwoe (Os Bugios), Apiborege (Donos do Acuri), Iwagudu (As Gralhas) e Aroroe (As Larvas) pertence aos Tugarege. Já Kie (As Antas), Bokodori (Os Tatus-Canastras), Baadojeba (Os Construtores das Aldeias) e Bakororo (Os Construtores de Aldeias) pertencem ao Ecerae. Os clãs são herdados a partir da mãe, logo, é uma etnia matrilinear onde o clã da mãe é repassada ao filho ou à filha. As uniões matrimoniais devem seguir a seguinte

<sup>3</sup> *Bai Mana Gejewu* significa a Casa Central, também chamada de *Baito*.

<sup>4</sup> Clã Bororo situado ao norte da aldeia.

<sup>5</sup> Clã Bororo situado ao sul da aldeia.

regra: os casamentos não podem ser do mesmo clã, devem ser com o clã oposto **Ecerae** com **Tugarege**, porque considera um casal que não condiz com a lei da reciprocidade. Nunca Ecerae com Ecerae ou Tugarege com Tugarege. Pois, dessa forma, preserva um valor milenar denominado *mori* (reciprocidade). A sociedade *Boe Remawuge* determina que deve haver um equilíbrio na organização, sempre que há uma prestação de serviço ou objeto ofertado, logo já se deve providenciar a retribuição para deixar a aldeia equilibrada material e espiritualmente.

Educadores tradicionais, são eles as mães, avós, tias e padrinhos/madrinhas. Os meninos são ensinados através do *ioga* (pai), que cuida da educação do seu *naregedu* (filho) até a sua iniciação; depois que o *naregedu* for iniciado, todo o seu cuidado e sua educação passam a ser responsabilidade do seu *iorubodare* (padrinho). Ele ensina a se comportar na sociedade adulta com os mais velhos, fazer seus enfeites tradicionais, ensina os *yorubos* (remédios tradicionais), fabricar seu arco e flecha, ensina a pescar e caçar, ensina os cantos tradicionais e os *bakarus* (mitos).

“Preferência aos mais velhos, nunca deve interromper quem fala. Deve evitar nomear, usar pronome de tratamento certo” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 379) conforme citado pelo autor, em todo lugar dá-se o espaço aos mais anciãos pelo respeito por estes já terem uma jornada de vida de experiência, também há a recomendação de quando uma pessoa está emitindo uma informação, ela nunca deve ser interrompida, são atitudes recomendadas às crianças. Ainda pequenas, as crianças de todos os gêneros são recomendadas a nunca chamar alguém pelo nome próprio ou apelido, pois cada membro da organização social bororo tem um nome de tratamento específico, seja do próprio clã ou do clã oposto: *ioga*, *imuga*, *ituie*, *iwure*, *imana*, *iedaga* e *iorubodare*<sup>6</sup> (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

Por via de regra, os filhos escutam respeitosa e depois fazem como querem. Poderosas alavancas de educação são os discursos noturnos dos chefes e anciãos. Diga-se o mesmo das inúmeras festas e representações às quais os meninos e meninas são paulatinamente iniciados. (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 618).

---

<sup>6</sup> *ioga* (pai), *imuga* (mãe), *ituie* (tia), *iwure* (tio, irmão mais velho para mulheres), *imana* (irmão mais velho e parente para homens), *iedaga* (aquele que deu nome ou ainda padrinho) e *iorubodare* (aquele que tem responsabilidade de ensinar os meninos a usarem os remédios tradicionais a partir de que passem pelo ritual de iniciação).

É prezado o respeito aos pais e mães, cada um com o seu gênero; no bororo, à tardinha, tinha-se o costume de colocar esteiras e ficar ouvindo o proferimento dos anciãos acerca do dia e planejamento de novos dias. Também os rituais festivos às crianças eram inseridos gradativamente, conforme a organização social boe, cada ritual é de um clã e sub-clã específico, e deve ser feita a representação dentro do ritual (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

“Nestes, sempre prolixos, o orador relata acontecimentos e as notícias do dia, narra lendas e, se é chefe, dá avisos e faz admoestações” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 279) O Boe Adodu é como se fosse um meio de comunicação entre os chefes a todos da aldeia; na comunidade bororo, tem alguém que desenvolve a habilidade de ter voz alta e clara, logo ela é responsável para emissão de avisos e recados. Quando é feito por chefe geralmente este realiza recomendações (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

O *poguro* significa “Para noções sobre o valor moral e social do sentimento de vergonha” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 883) segundo o termo e significado, seria a ética bororo, pois todo membro a tem em seu ser pelo fato de evitar de cometer transgressão e ser penalizado. É um valor moral que anda com todos e é recomendado no ensinamento a crianças e jovens. O *bakaru* tem como objetivo de “Todas elas têm uma finalidade definida: explicar fenômenos naturais, justificar a existência de certos seres, estabelecer a origem de tradições e ornamentos” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 206). O *bakaru* é um conjunto de mitologia que funciona para explicar por que um pássaro canta quando está amanhecendo, por que os enfeites de um determinado clã e sub-clã tem uma cor, por que tem animais que tem cauda e outros não, o surgimento de estrelas; por que as crianças devem obediência aos mais velhos para não serem penalizados (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

“Os afazeres domésticos são dela, inclusive a procura da água, da lenha, a colheita dos vegetais e do mel, e o preparo das refeições. Pertence-lhe também o fabrico de cerâmica e das esteiras” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 90). Os trabalhos de casa, as mulheres desenvolvem com maestria, tais como buscar água para cozimento e abastecimento do lar, a busca da lenha, a colheita dos vegetais curativos e mel. O preparo das refeições, responsabilidade da mulher. Também a habilidade de trabalhar com cerâmica e esteiras é desenvolvida pelas mulheres.

A todo tempo, as meninas acompanham este aprender fazendo. “As mulheres, obtém-no assim: depois de terem abatido a palmeira, reduzem a pedaços, de preferência, a parte superior da estipe” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 67). As mulheres fabricam o mingau de coco, acompanhadas pelas avós, as mais novas iniciam seu trabalho e aprendem em campo. “Os bororos possuem muitas cestas e cestinhas. Normalmente são feita pelas mulheres” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 735). Os trançados são desenvolvidos pelas mulheres, cestas para carregar frutos, cestas para guardar materiais de pequeno porte, esteiras para servir de colchão, esteiras sagradas, cestos sagrados. Geralmente ensinados à menina moça para ela fazer quando deixar o lar materno (Cfr. ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

*Bai mana gejewu choupana central*

Lá como em verdadeira escola, aprendem, fazendo, o fabrico de arcos e flechas, a técnica de fiação e tecelagem, das redes de pescar; escutam as lendas e os feitos dos homens. Preparam-se para caçadas e pescarias e tomam parte a certas danças e festas que não sejam interditadas a crianças e mulheres. (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 624).

Um espaço crucial para o desenvolvimento de aprendizagem de meninos, aprende-se juntos sem que haja desconforto (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

“Amanhã irei pescar para dar de comer aos homens. Com essas palavras, a mãe quer dar a entender ao filho que deseja comer peixe e que é conveniente que ele vá pescar” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 264). É uma habilidade que a criança e adolescente devem aprimorar conforme a ser citado; o contato não é direto, pois caracteriza falta de respeito, é lançado um comando do qual o receptor deve ter sensibilidade de entender o que está a ser solicitado (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

Outra atividade de aprendizagem “A caça é a mais importante e preferida ocupação dos homens. Na caçada individual um ou alguns homens, sem cerimônias particulares, vão procurar o alimento” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 372); é uma atividade em que se desenvolve o conhecimento tradicional haja vista que pela caçada que vai distinguir animais comestíveis de não comestíveis (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

A fabricação do arco e flecha “A técnica do fabrico é relativamente simples embora, em vista dos meios que os índios possuíam antes do contato com os ci-

vilizado, exigisse bom espaço de tempo” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 484). É um momento de grande aprendizado e atenção, pois aquele que quer aprender deve mostrar interesse, e quem vai ensinar não ensina diretamente alguém ele vai fazendo e o interessado deve acompanhar (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

Os cantos “Os meninos, mesmo pequenos, aprendem-nos do pai e depois continuam o tirocínio na sociedade dos homens” (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962, p. 891). Desde pequena, a criança aprende os cantos simples, e sua entrada no conhecimento de cantos sagrados é um desenvolvimento pelo acompanhamento dos mais velhos (ALBISETTI; VENTURELLI, 1962).

A mãe ensina a sua filha a respeitar seus tios e tias, os quais são educadores desta também, falam com quem elas devem se casar para não cometer erro, ensinam a fazer enfeites tradicionais da cultura, ensinam a fazer trançados, ensinam a fazer comida típica, ensinam os bons modos da cultura, a tratar bem as pessoas, ensinam a cuidar dos irmãos. Por fim é prezado o respeito aos mais velhos, devido a isto é natural um traço de hereditariedade a submissão. Mesmo se a pessoa sabe, na frente de alguém que traz a novidade, ela não demonstra que já sabe.

Vale ressaltar que os parentes da menina são todos do mesmo clã dela, tias, mãe e avó. Já o menino tem seu educador o *iorubodare* (padrinho), pois o *iorubodare* pertence ao mesmo clã de sua mãe, por isso pode ensinar tudo que é de seu conhecimento. *Iorubodare*, ao pé da letra, significa o cuidador de meu remédio (*i* = eu; *orubo* = remédio; *dare* = dono; dono dos meus remédios).

Os Boe Remawuge não tinham uma escola separada da vida. A vida do Boe Remawuge era a escola onde a pessoa ia se construindo num processo paciente e longo como a mesma vida. O observador percebia que o indivíduo estava sempre aprendendo ou então se especializando em algum ramo da sua cultura.

Havia uma etapa, indefinida, quando o indivíduo passava a formar parte da categoria dos mestres (Boe eimejerage), porém não se sabia quando se dava este momento, que não era o mesmo para todos os da mesma idade. Havia jovens que de repente começavam a participar desta categoria, e havia adultos que nunca chegavam a integrá-la. Dependia do interesse e das qualidades de cada um.

Ambientes de aprendizagem são: a casa materna (sistema matrilinear, e matrilocal), onde a criança recebia todas as características do seu clã ou grupo familiar; o *bororo* (pátio da aldeia) onde ocorrem as atividades lúdicas e religio-

sas; o *bai mana gejewu* (casa central) onde escutam os mitos e os ensinamentos dos *kabitaos* (anciãos), a metodologia é de muita atenção, pois o ensinamento vai perfazendo sem que tenha um receptor definido, por isso deve dar muita a atenção ao que está acontecendo.

Prosseguindo o *pobo* (rio) onde serão apreendidas as formas de pescar, as armadilhas de pescaria, os instrumentos de pesca, quais peixes são comestíveis e quais não são comestíveis, o *boku* (campo) onde será apreendido como se faz uma caçada, onde pegar um instrumento de captura de animal, de pequeno a grande porte, onde se encontram ninhos de araras para domesticá-las, onde se têm frutas e em quais tempos será favorável para coleta de cada espécie e *itura* (selva), onde fazer uma roça, onde se coletar taboquinhas (*tugo*) para confecção de flecha, onde se encontra a madeira específica para fabricação do arco. Nesses ambientes se localizam a aprendizagem em que o conhecimento é detalhado, e um respeitoso domínio da natureza vai se criando, sem violentá-la nem destruí-la, tirando dela tudo que precisa para o sustento de sua vida física e cultural.

Os momentos de vivência cultural mais fortes para o Bororo eram: o ritual de nomeação (Boe Eiedoda), em que a criança é introduzida oficialmente vida cultural Boe Remawuge, porque através do nome se identifica o clã e sub-clã do novo membro inserido, e o funeral que introduz a pessoa no mundo dos *Aroe* (espíritos), e que, ao mesmo tempo, integra toda a vida social, econômica, artística e religiosa própria do Boe Remawuge\*. Pelo funeral é o fechamento de um ciclo de uma vida, contudo através desse ritual é que se dá a introdução de uma adolescente à vida adulta.

Momentos corriqueiros de educação Boe Remawuge eram as atividades econômicas de caça e pesca preparadas com cantos solenes durante a noite anterior a cada atividade, e realizadas como verdadeiros rituais onde atuavam confundidos os Boe e os *Aroe*, com técnicas tão eficazes que não se encontram no mundo dos brancos.

Os dias de descanso na aldeia também eram celebrados ritualmente com cantos, banquetes na casa do centro (*baimanagejewu*), e danças (*jure*) no pátio central (*bororo*). Nesses dias de descanso, os homens ficavam reunidos no Bai Mana Gejewu, e eram aprimoradas a arte de falar e a técnica de construção e concerto de instrumentos de caça e pesca e de fabricação de enfeites.

Outros rituais, como a corrida de “Mano”, as festas do couro da onça e do gavião, e numerosas representações próprias de cada um dos oito clãs em que se distribui a aldeia, eram momentos de aprendizado e vivência da cultura.

Pode-se afirmar que os indivíduos Boe Remawuge seja do gênero masculino ou feminino, a todo momento se deparam com uma situação de aprendizagem, seja pelo interesse particular, seja por ações involuntárias, como um ancião dirigindo uma produção de conhecimento ou uma anciã em casa conduzindo uma aprendizagem cotidiana ou aprendizagem de conhecimentos sagrados.

Havia educadores específicos como a mãe e a avó para as crianças, as meninas e as jovens mães, e, para os jovens, o pai e o padrinho, que exerciam um acompanhamento individual na formação da pessoa.

A comunidade toda, porém, era educadora, principalmente através de grupo de anciãos intelectuais tradicionais (Boe Eimejerage), que eram modelos e orientadores do grupo dos jovens (*Ipare*). A perfeição com que o adulto falava, cantava, dançava, tocava um instrumento, exercia uma atividade (caça, pesca), celebrava um ritual, era uma forte motivação que levava o menino e o jovem a se aperfeiçoar seguindo os modelos.

E os adultos procuravam incentivar os mais novos dando-lhes importância e espaço. Quantas vezes, em atividades ou celebrações onde o observador esperava que iam atuar os adultos, aparecia um grupo de adolescentes, acompanhados por algum adulto que lhes ia sugerindo os cantos, os movimentos, os gestos, as técnicas. E o rito tinha a mesma importância e o mesmo valor que quando era executado por adultos.

O processo educativo entre os Bororo era diferente para os homens e para as mulheres, desde o conhecimento empírico ao sagrado, porque a tradição cultural, de comum acordo com a natureza, lhes marcava tarefas e funções às vezes comuns, e a maioria das vezes diferentes, através das quais cada pessoa sentia-se realizada e útil na comunidade.

### 3 DEWEY

“A formação do caráter da criança, ou o programa moral e político da escola, e, às vezes, qualificado como currículo oculto” (WESTBROOK, 2010, p. 19), na comunidade bororo, tem o *Bakaru*, que é um mito que trata das origens de



animais, aves, dos detalhes e, concomitantemente, repassa um valor que varia conforme a lenda, e cada um dos clãs Ecerae e Tugarege tem seus *bakaru*. Dessa forma, ficam implícitos os ensinamentos aos receptores (WESTBROOK, 2010).

“As pessoas conseguem realizar-se, utilizando seus talentos peculiares, a fim de contribuir para o bem-estar da comunidade, a função da educação ajudar as crianças a desenvolver ‘caráter’ conjunto de hábitos e virtudes” (WESTBROOK, 2010, p. 20); na cultura bororo; as habilidades não são todas genéricas, há certos membros que desenvolvem a oratória, outros desenvolvem a arte da caça e pesca, outros desenvolvem as práticas de pajelanças. Varia conforme as habilidades que os adultos sentem ao estar com os novos membros, após passar pelo rito de passagem (WESTBROOK, 2010).

“A educação é um método fundamental de progresso e da reforma social” (WESTBROOK, 2010, p. 20). Embora pela sociedade referida não se trate do termo educação, contudo vai de encontro a esta, pelo fato de que os ensinamentos que mantinham toda a organização social firme, frequentemente tinham adaptações conforme as demandas exigiam interna ou externamente. A todo momento, as técnicas aplicadas deveriam ser conforme as condições a que estavam habituados (WESTBROOK, 2010).

“Educar é crescer, não já no sentido puramente fisiológico, mas no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica e mais bela, em um mundo mais adaptado, mas propício, mais benfazejo para o homem” (WESTBROOK, 2010, p. 37). Para a cultura bororo, o crescimento do ser se dá pela sua capacidade de evoluir pela sua pessoa, habilidades, valores, crenças. Esse processo varia conforme a sensibilidade de cada pessoa. As formas de adaptar conforme as condições do estar também é típico do ser bororo, já que a todo momento deve estar se moldando para ultrapassar os obstáculos que lhe aparecem, seja material ou espiritual (WESTBROOK, 2010).

“Podemos, já agora, definir, com Dewey, educação como o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras” (WESTBROOK, 2010, p. 37). Na cultura Boe Remawuge, é constantemente trabalhado o equilíbrio entre os dois clãs Ecerae e Tugarege, e, sempre após um evento, é realizada uma avaliação, em que todos os membros

da comunidade do sexo masculino se reúnem e comentam os acertos e erros, a fim de evitar que se repita; a partir de uma experiência inicial se projetam outros eventos (WESTBROOK, 2010).

#### 4 SUCHODOLSKI

“A cultura, segundo Suchodolski, abrange uma área mais vasta do que as realizações artísticas; por isso, ele valorizava, ao mesmo tempo, a cultura científica e tecnológica, social e política, assim como a cultura do trabalho e da convivência, sem esquecer a cultura moral, a do comportamento” (WOJNAR, 2010, p. 20). Trazendo ao contexto bororo, a cultura é muito complexa, pois abrange vários campos, ela abrange a forma de organização social bororo, através dela é estabelecida a hierarquia das representações dentro de uma aldeia como pajé da cura, pajé que atua em caçada. A cultura está no trabalho seja de caça e pesca, também nas metodologias. A cultura é firme pelo *poguro* (vergonha), e por terem as pessoas uma ética e moral acerca do *poguro*. O comportamento fala tudo de uma pessoa (WOJNAR, 2010).

“A educação, dizia Suchodolski, é um processo pelo qual o indivíduo alcança sua plena realização ao executar tarefas cada vez mais difíceis e complexas, atingindo suas capacidades mais recônditas e latentes” (WOJNAR, 2010, p. 21). Trazendo para a educação bororo, os objetivos de uma educação é ensinar primeiro princípios básicos de tratamento de pessoas, trabalho, contudo, à medida que a criança cresce, aumenta o grau de dificuldade para que a criança esteja apta a se virar em situações de dificuldade. Por fim as habilidades vão se desenvolvendo, conforme as afinidades de cada indivíduo, pois tem uma que vai ser pajé, outro vai ser responsável pelos avisos, outro terá habilidades em caça ou pesca, outro vai despertar novas capacidades (WOJNAR, 2010).

“A ideia global da cultura defendida, incansavelmente, por Suchodolski leva a uma nova visão da relação entre as artes, as ciências e a tecnologia, produtos do espírito criador do homem” (WOJNAR, 2010, p. 23). Todos os feitos são desenvolvidos em constante sintonia com o ambiente material e espiritual, pois ambos andam juntos; deve haver equilíbrio para que a organização social não ceda para nenhum dos lados, senão haverá desarmonia e poderá resultar em uma penalidade. Através da cosmologia bororo que é desenvolvido ciências desde as artes até

a tecnologia bororo. Citamos como tecnologia os conhecimentos de armadilhas e técnicas de produção (WOJNAR, 2010).

“Educação é o veículo da cultura, em compensação, a cultura constitui sua inspiração, o sentido e o método da atividade educativa” (WOJNAR, 2010, p. 24). Através da educação bororo que a cultura borora é produzida, desenvolvida e se passa por manutenção. Somado a isto, pela educação, são repassadas as representações que o indivíduo pode assumir a partir do momento que ele pertence a um clã e sub-clã. Pelas ações culturais também são desenvolvidas práticas de educar em bororo, pois fazem-se as limitações e assume-se uma conduta moral (WOJNAR, 2010).

“Segundo ele, a ciência, no sentido global não deve ser uma força exterior ao homem, mas sua força interna, um aspecto da sua consciência, individual e social” (WOJNAR, 2010, p. 22). A educação bororo se dá a partir do indivíduo para o macro, pois o indivíduo carrega consigo um conhecimento que, em contato com o outro, ele passa a ter em sua vida, vai desde a consciência do indivíduo para a sociedade bororo, pois devido a isso deve ter uma prática de equilíbrio entre o material e o espiritual. Poderíamos dizer, do espiritual vai tornar-se matéria, resultado de um pensar (WOJNAR, 2010).

## **5 PEDAGOGIA BORORO**

Pedagogia dos Boe Remawuge está baseada em ouvir, olhar e fazer. Esses três passos são essenciais para que haja aprendizagem no contexto bororo. Primeiro os ensinamentos não são diretos, o detentor do saber faz todo um processo de introdução do ensinar, e quem vai aprender deve estar atento, pois não é direcionado; quem estiver atento vai aprender. O olhar geralmente são ações desenvolvidas na prática, e deve ter toda uma observação visual aguçada para acompanhar as mãos, os pés e os gestos que o professor irá repassar. O fazer é a última parte de uma aprendizagem onde será avaliado realmente o que o receptor captou através do escutar e olhar, porém há uma dialética, pois geralmente trata-se de variáveis que podem ser positivas ou negativas, logo, ação, reflexão e ação. Aqui podemos destacar uma herança trazida desde tempos remotos, a submissão dos alunos atuais do século XXI é uma herança trazida desde antigamente (*marigudu*), pelo fato do respeito; o silêncio é um ato de respeito, às vezes, tem

alguém que domina certo conhecimento que já é prévio do receptor, contudo ele não demonstra já saber.

Aprendizagem dos meninos refere-se a ensiná-los a caçar, pescar, cantar, manusear o chocalho e outros instrumentos, a confeccionar adornos originais e eles ainda ganham o direito a frequentar o *Bai Mana Gejewu* (casa central), que é o tribunal, câmara, palco, o altar, é lá que são realizados os mais profundos e sinceros cerimoniais, mensagens aos entes querido; lá também são passados os Bakarus, discutem-se as leis da cultura e, é claro, mesmo os homens quando estão casados ou pescando, tem o seu lugar certo dentro do Baito para confeccionar enfeites. O *Bai Mana Gejewu* (Casa Central) é a casa a que todos devemos respeito, pois nesse lugar que é a interligação entre o mundo material e o mundo espiritual, nesse ambiente o lugar que se assenta não é em qualquer lugar, pois cada clã tem local específico de se sentar.

Quando a menina fica nos cuidados da mãe, tia, avós e parentes de clã, ela aprende a cortar os animais, aves e peixes, de acordo com a tradição, plantar e colher em tempo e luar certo, aprende a trançar cestos (*kodo*), esteiras (*beta*), bolsas (*mitigu*), brinquedos (*boe ewoedae*) etc. Aprende a confeccionar os enfeites de acordo com o que se pede para o momento: nomeação, iniciação, danças festivas, casamento ou funeral; assim também são os cantos e remédios (*jurubo*) e ainda as danças. Elas aprendem todos os passos e ritmos de acordo com o clã a que pertence e seus direitos e, mais importante, os direitos de casamento perfeito, para a moça não correr o risco de errar contra a cultura, pois, na cultura, o tal do amor só existirá após a convivência do casamento e casamento perfeito.

A educação escolar foi trazida pelos Salesianos, nos anos de 1903, na antiga aldeia Tachos; por volta de 1927, devido à escassez de recurso hídrico, caça e pesca, fez-se o traslado para a atual aldeia, que se localiza próximo ao rio Kujibo e a um morro. Em vista do fato de sempre que os Boe Remawuge iam pescar e eram ferroados por arraias e de ter um morro vistoso, deram o nome de Meruri (*Meru* = arraia; *Ri* = morro; = morro das arraias).

Após a instalação da instituição educacional, por volta de 1960 começaram os trabalhos com teor tecnicista, de forma a virar curso profissionalizante marcenaria. Há, até os dias de hoje, um rio com o nome de Olaria, devido a haver nas proximidades desse rio uma olaria (fábrica de tijolos e telhas). Uma das inova-

ções tecnológicas foi a chegada do Projeto Minerva em que se tinha um rádio na frente dos alunos e na frente do quadro negro, onde eram desenvolvidos os cursos, inclusive o de montar rádio, chegando a ter aluno bororo que fez o rádio com todo o ensinamento repassado pelo áudio, apostila e ferramentas.

No ano de 1975, tornou-se uma escola estadual, contudo havia alunos boe remawuge e não boe; porém, no ano seguinte, veio a ter uma chácara, e por fim esta passou a atender apenas alunos boe remawuge. Pelo ano de 1984, os gestores educativos começaram a recrutar professores boe remawuge, e as séries todas seguiam até a 4ª série e repetiam, e, para sair da escola, saíam casados pelo fato de a comunidade estar muito reduzida. Nos anos 1990, chegava a segunda geração de professores que tiveram sorte em deparar com um cenário propício para o desenvolvimento no processo de formação de educadores do magistério. Tivemos o incentivo da PNUD e do Banco BIRD, foi uma época propícia para a formação. Contudo sempre trazendo os trabalhos de forma, pedagógica, didática e planejamento.

No ano de 2001, iniciava-se o projeto de III Grau Indígena, ainda com incentivos públicos. E veio a encerrar em 2006. E no ano de 2012, após anos de gestão sob a condução de Salesianos, a educação passa às mãos boe remawuge. É notória a autonomia dos boe remawuge, contudo conforme a passagem, “o sistema escolar sempre esteve em função do tipo de organização da vida social dominante” (DEWEY, 1896b, p. 285) No primeiro momento, a organização dominante era a dos próprios boe remawuge, que se moldava para poder atuar na sua vivência; contudo essa dominância é repassada aos Salesianos e tem traços do Positivismo, alguém quem conduz, e, ao retornar às mãos boe remawuge, encontra dificuldade em superar a sua submissão.

## **6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O presente artigo faz apontamentos que podem passar despercebidos, contudo à medida que a pesquisa for se aprofundando começa a delinear ao educador a pedagogia bororo, diríamos adormecidas, e pode ser acordada em pleno século XXI e ajudar nessa luta pela pedagogia própria, e não deixar cansar em busca de uma prática que não é própria da sociedade boe remawuge. Precisa-se rever as práticas de ensinar milenar, e adaptar conforme as situações que hoje deparamos, como a ferramenta denominada internet.

É notório que os educadores necessitam debruçar em aparatos próprios do que se desgastar em busca de habilidades que não serão desenvolvidas, senão a partir de sua própria cultura. As práticas de ouvir, olhar, fazer e pensar trazem toda uma gama que é trabalhada em pedagogia; os alunos precisam ouvir os conhecimentos, olhar as ações dos conhecimentos, fazer os seus conhecimentos e, a partir do fazer, pensar em seus conhecimentos para discernir e partilhar. É imprescindível a pesquisa de um fazer e saber interligados, que só a própria cultura Boe Remawuge pode ofertar, contudo há o risco da cegueira da omissão.

Não há outra saída para o atual sistema de educação escolar indígena Boe Remawuge, a não ser retornar às práticas de ensinar milenar. A partir da ação já se produz o conhecimento e, partindo do receptor, já se faz uma avaliação. A pedagogia Boe Remawuge é cotidiana, contudo a atual educação escolar não tem olhar para esse fazer saber. Daí há demanda de todo o conjunto de ensinamentos dar vida as práticas pedagógicas Boe Remawuge. Por fim será de valia aos professores Boe Remawuge, agora no século XXI, fazer uma análise das práticas de ensinar milenar e aplicar hoje.

## REFERÊNCIAS

ALBISETTI, Cesar; VENTURELLI, Angelo J. *Enciclopédia Bororo*. Campo Grande, MS: Museu Dom Bosco, 1962.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA Anísio. *John Dewey*. Tradução e organização de José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

WOJNAR, Irena. *Bogdan Suchodolski*. Tradução de Jason Ferreira Mafra, Lutgardes Costa Freire e Denise Henrique Mafra; organização de Jason Ferreira Mafra. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Massangana, 2010.

### Sobre o autor:

**Lauro Lopes Leandro Pariko Ekureu:** Graduação em Pedagogia pelo Instituto Matogrossense de Pós-graduação e Serviços Educacionais. Diretor da Escola Estadual Indígena Sagrado Coração de Jesus (Meruri). **E-mail:** parikoekureu@gmail.com

Recebido em 30 de junho de 2018

Aprovado para publicação em 2 de julho de 2018